

# A COMUNA



ORGÃO COMUNISTA LIBERTÁRIO (Antigo quinzenário A AURORA)  
PROPRIEDADE DO GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA — (Formulaire de la loi contre la presse)

Editor: ANTÓNIO TEIXEIRA

Redactor principal: SERAFIM CARDOSO LUCENA

Administrador: DAMIÃO CASTELO

Imp. na Tip. de «A COMUNA»—Imp. na Tip. A INTERMEDIÁRIA, Póvoa do Sol, 32

Redacção e Adm., (Provisória)  
RUA DO SOL, 131—PORTO

CORRESPONDÊNCIA:  
APARTADO 17

NÚMERO AVULSO: 5 CENTAVOS

## O PROCESSO DE S. PEDRO DA COVA

## Maximalismo e Anarquismo

(CONTINUADO DO N.º 8 de «A COMUNA»)

XI

**Maximalistas** — Ao exprimir a decisão inquebrantável de arrancar a humanidade das garras do Capital, denunciaram-se os tratados secretos, procura-se a fraternização dos operários e camponeses, dos exércitos em guerra, procura-se por medidas revolucionárias e custe o que custer, uma paz democrática de trabalhadores, sem anexações nem indemnizações, sobre a base do direito dos povos a dirigirem-se por si próprios...

**Anarquistas** — Toda guerra nos é estranha, porque as guerras só são possíveis onde há governantes e governados, onde há exércitos que pelem e comandantes que os guiam ao combate.

A nossa paz permanente funda-se no direito de todos os homens a decidir por conta própria, sem leis que entravam os seus movimentos, sem governos e sem ditaduras de classe, porque acima do direito dos povos, estão, sempre os direitos do homem.

XII

**Maximalistas** — No momento da luta decisiva do proletariado contra os seus exploradores, não pode haver lugar para os exploradores em nenhum dos órgãos do poder.

O poder deve pertencer, total e exclusivamente às massas trabalhadoras e à sua representação autorizada, aos *soviets* de delegados operários, soldados e camponeses.

**Anarquistas** — No momento da luta decisiva contra a autoridade e contra toda a exploração que é outra das formas que adota a violência organizada para dominar o homem queremos que toda a riqueza social, em produtos e elementos de toda a espécie e instrumentos de trabalho, passem para o poder dos grupos operários que tenham atingido a plenitude do seu treino para a função económica. Constituiremos também, para a melhor relação e íntima harmonia, os agrupamentos por afinidades, e à custa dos máximos esforços impediremos a acção dos audaciosos que queiram dominar ou de qualquer forma constituir um poder, seja ele da vontade pessoal, ou como representação de minorias ou maiorias.

XIII

**Maximalistas** — Ao esforçar-se por criar a união ralmente livre e voluntária e, por conseguinte, mais completa e sólida das classes trabalhadoras de todas as nações da Rússia, o 3.º Congresso pan-russo, assenta os princípios essenciais da Federação das «Repúblicas dos Soviets da Rússia» reservando aos operários e camponeses de cada nação o direito de decidir livremente no seu Congresso Nacional dos Soviets, se desejam e em que bases desejam participar no governo federal e nas instituições federais dos Soviets.

**Anarquistas** — Não há nacionalidades, nem povos: há homens. São estes os que devem ser consultados, e não como até aqui dirigidos.

A base fundamental é a autonomia do homem, e não outra finalidade.

XIV

**Maximalistas** — O princípio essencial do maximalismo, no período de transição actual, reside na instauração da ditadura do proletariado urbano e rural e dos camponeses mais pobres, no objecto de esmagar a burguesia, suprimir a exploração do homem pelo homem e fazer triunfar o socialismo, sob cujo regimen não haverá divisão de classe nem poder de Estado.

**Anarquistas** — O princípio essencial do anarquismo em todos os tempos, é conquistar a soberania do homem. Esta soberania é fundamental, se pretendemos constituir a justiça e o direito e uma sociedade humana de bem-estar para todos.

Uma ordem de coisas que se não fundamente em bases libertárias, não pode importar um bem-estar rial para todos os homens, como o preconiza o ideal mais avançado, mas sim um bem-estar relativo para alguns, cimentado no arbitrio e fatalmente obrigado a manter-se pela violência.

Todo o bem-estar rial ha-de alcançar-se por um caminho de justiça e para isso é necessário e elementar colocar o homem em condições de plena soberania, sem a qual o bem-estar conseguido é, em certo modo, fictício, pois deixa após si factores de violência que surgem da força das coisas e dos homens e que hão de trazer a guerra, fatalmente, dando com esse bem-estar em terra, dentro de largo ou breve prazo.

Para conseguir uma melhoria efectiva nas condições do meio social, é necessário, em primeiro lugar libertar o homem de entraves, para que ele próprio ache o caminho do seu bem-estar e o que lhe convem fazer ou não fazer.

A principal questão, precedendo todas as demais questões, é a liberdade do homem, factor essencial do seu progressivo melhoramento moral e que se vai traduzindo também em melhoramento material.

O meio social não pode ser mais do que aquilo que são os seus elementos componentes. Modificados os elementos, a modificação do meio é fatal, por quanto é sua natural conse-

### AS RELIQUIAS DE CRISTO

3

**O prepúcio.** — Na igreja de S. Giovanni in Laterano, de Roma, adora-se o santo prepúcio de Cristo; mas um segundo prepúcio, igualmente verdadeiro, encontra-se cuidadosamente guardado na catedral de Ancona, e que é muito adorado pelas mulheres católicas infecundas, porque — dizem elas — tem o mágico poder de lhes curar a esterilidade.

Os frades de Charvoux, em Poitiers, possuem um terceiro prepúcio de Cristo, que costumam mostrar às mulheres com as dores do parto, para que elas se «aliviem» sem dores! O quarto prepúcio é detença dos Capuchinhos do Sena; o quinto, está em Hildesheim, Alemanha; e o sexto, o mais célebre, é venerado na igreja de Calcuta, diocese de Cristó Castellani, submetida à casa Sinibaldi, reimpressa e aumentada por ordem de S. E. M. Cesar Sinibaldi, barão e senhor da terra. Roma, 1802 — (casa Vicenzo Poggioli. Com aprovação.)

Por este rápido curso através das mentiras eclesiásticas, vê-se que o tal corpo do imaginário de Cristo, foi multiplicado numa infinidade de pedaços que servem admiravelmente à Igreja católica, para introduzir no cérebro dos numerosos ingênuos que conta ainda a nossa sociedade

### CENTRO COMUNISTA DO PORTO

A Comissão Administrativa pede a todos os camaradas que possuam listas de subscrição para A COMUNA e que lhes foram entregues neste Centro, o favor de as entregar com as importâncias subscritas na próxima semana, na sede do mesmo, todos os dias, das 20 às 23 horas.

O culto das reliquias — escreve Malvert — é uma das sobrevivências do fetichismo primitivo. Ele tem sido desenvolvido excessivamente pela casta sacerdotal, que, sem nenhum pudor, tira dessa hipocrisia excelentes resultados. A história da Ilade-Média oferece-nos vários exemplos de discordâncias entre conventos e igrejas que se contestavam a posse duma reliquia de fartos rendimentos. É, pois, um sentimento que não tem nada que ver com as necessidades do culto e da religião, que tem dado a estes feliches um desenvolvimento enorme.

Só há uma coisa que não logramos compreender: Todos os países tem em vigor um código penal que pune rigorosamente as fraudes e as escroquerias; mas, apesar disso, a Igreja Católica continua, impunemente, a enganar os povos da maneira mais infame...

¿Será porque o Estado também lucra com a generalização da estupidez? Deve ser. Tão certo é o Estado dar-se sempre bem com a padralhada!

Em conclusão: O Cristo da lenda, ou da fábula, tinha, pelo menos, seis prepúcios!... Cos diabos! Foi um fenómeno dos mais curiosos...

quência; mas se, em troca, se modifica o meio social com o auxilio de um factor arbitrário — a violência — então os homens modificar-se hão por um impulso de força exterior, isto é, de fora para dentro, quando a transformação realmente progressiva é feita de dentro para fora, e não vice-versa.

Significa então que não há bem estar possível onde não tenha de se fundamentar na liberdade do homem; onde esse bem estar tenha que apoiar-se na lei, é a violência, escudo e razão de ser desta, que domina a quele.

Deduz-se daqui, que o princípio essencial dos homens e das organizações anarquistas, em todas as ocasiões e circunstâncias presentes ou futuras, é a autonomia do homem, quer faça mau ou bom uso dela, porque o Bem ou o Mal não podem interpretar-se numa acepção comum, deduzida de uma ética universal.

Estabelecemos, pois, que querendo chegar a uma organização social de liberdade e bem estar para todos, devemos considerar, no primeiro plano, a harmonização dos meios a empregar com os fins que objectivam.

A conduta revolucionária do anarquista, tem forçosamente que ser harmónica com o ideal de justiça que procura implantar, e não pode aplaudir nos outros, nem realizar por si, inúteis violências, nem vinganças; da mesma forma, é impossível aceitar o despotismo de outras sobre ele, bem como erigir-se em ditador dos outros.

Os meios que se hão de empregar devem ser da mesma natureza e ordem do fim proposto, pois que a meta ou finalidade que se tem em vista é sempre um resultado correspondente à marcha e processo de acção seguidos.

A ditadura duma classe sobre outra, não conduzirá, nunca, por exemplo, à abolição das classes e da ditadura; não pode agora, nem no futuro, determinar por si, a realização dum progresso libertário. A ditadura produz ditadura, isto é, fenómenos da mesma ordem; acção e reacção, que se manifestam no mesmo plano.

O Bem não se dita, não se impõe; determina-se por intermédio dos seus factores naturais.

Se não queremos classes, devemos começar por não fazer política de classes; devemos levar os homens directa e naturalmente para um campo igualitário.

Se esse propósito determina resistências, surgirá fatalmente um choque, e esse choque chamar-se há amanhã, como se chama hoje e se chamou ontem: *Revolução*.

Como não queremos Estado, começaremos por não aceitá-lo, nem sequer condicionalmente; nem ainda como solução transitória; não exerceremos as suas funções, nem que seja com a boa intenção de o destruir depois, à maneira do socialismo.

Não há bem estar, se o homem não for livre. Conseqüentemente, todo o fim progressivo tem de alcançar-se seguindo um caminho libertário, e não outro.

(Continúa).

José T. LORENZO.

### GRALHAS

Que pavor! Tantas foram as que na passada semana invadiram a nossa redacção, que se tornou impossível, ao nosso revisor — não obstante ser atirador de primeira classe — matá-las todas.

Nós confiamos sempre na inteligência e perspicácia dos nossos leitores, para corrigir pequenos erros, mas, gralhas há de tal calibre, que transformam períodos completos em iníguas indecifráveis.

No artigo *A III Internacional* a linhas 5, 11 e 24, onde se lê *III Internacional* deve ler-se *II*.

No artigo *O desarmamento burguês* a linhas 7, onde se lê, *modelo de 17*, deve ler-se *modelo de 1917*.

O inigmático desaparecimento de um *O* no título do artigo *Nacionalização dos serviços públicos*, transformou *Nacionalização*, em «Nacinalização», êtro êste de pouca monta se atendermos à *pequenez* da letra e a termos já visto coisas muito piores.

Também o nosso camarada Grand Gosse, chama a nossa

### FOLHEANDO

#### A IMPRENSA COMO FOI RECEBIDA «A COMUNA»

De *O Independent* de New Bedford Mass. U. S. A.

Em substituição da *Aurora*, que se publicava no Porto, Portugal, chegou à nossa redacção *A COMUNA*, que de antemão fora anunciada. Vem superiormente redigida. Os nossos emoras e muitas felicidades futuras.

Agradecemos.

atenção para os malditos *bicharocos* que por várias vezes lhe tem invadido a sua propriedade literária.

Felizmente que este nosso amigo se apressa a desculpar-nos o descuido, porque, jornalista operário, como é, sabe muito bem como estas coisas acontecem.

E os nossos leitores que nos desculpem também.

# SINDICALISMO E ANARQUIA

(CAPONTAMENTOS PARA UM ESTUDO)

Já lá vai o tempo em que a Anarquia era sinónimo vulgar de destruição sistemática e arbitraria; longe vão os dias em que se representava o anarquista como um monstro vingador sedento de sangue e de extermínio. Não só aos operários manuais que, precisamente pela sua misérrima condição de explorados, estiveram mais de pressa em contacto com a ideia e os seus propagandistas, mas também aos chamados «intelectuais» — que, por convívio directo com as classes exploradoras, e em virtude de serem talvez doiradas as cadeias que a elas os prendem, foram mais rebeldes ao convencimento — chegou já a luz da verdade. E, apenas em cérebros estreitos, alheios por completo ao raciocínio, cabe hoje a absurda fábula, cuja propaganda é até abandonada por aqueles mesmos que a urdiram, a espalharam e tentaram explorar.

Nenhuma ideia, nenhuma doutrina fez tanto e tam rápido caminho no mundo como a doutrina anarquica. Nenhuma como ela foi tam rapidamente compreendida, nem achou tam depressa apóstolos numerosos, tão intatigáveis e abnegados propagandistas, crentes tão sinceros; e isto no meio da mais tenaz opposição, da perseguição tanto mais encarniçada e furiosa, quanto a Anarquia, ao atacar, nas suas bases, a organização burguesa, negando os seus fundamentos, fazendo-lhe frente com todas as suas forças, concitou desde o seu nascimento os três falsos poderes da sociedade constituída: Estado, Igreja e Capital. A guilhotina, a fôrça, o fuzilamento, foram diques que o despotismo opôz à expansão da ideia, a fome, o exílio, a deportação, prémios reservados aos que, convencidos da nova verdade, dela se fizeram eco e dedicaram à sua propaganda as melhores energias. Mas nem o cutelo, nem a corda, nem o chumbo puderam extinguir a fogueira que, como em campo de messes, se acendeu e alastrou por toda a parte com avassalador incremento. E a nova verdade, impôz-se a todos e brilhou com irresistível esplendor: poderá odiar-nos o déspota, mas teme-nos; poderá o servo duvidar, mas respeita-nos e admira-nos. E é por isso que hoje ninguém ignora que a Anarquia não é destruição, mas regeneração; não é desordem, mas organização, não é arbitrariedade, mas justiça, que o anarquista não odeia, mas ama, que quer a união estreita, o amor infinito, a liberdade absoluta a summa igualdade para todos os homens.

Mas se à custa de tantos sacrificios, de tantas vítimas imoladas — daquelas de que cada gota de sangue foi uma semente que caiu no sulco — se chegou a impôr a pureza do ideal que defendemos, tornando-o digno de respeito e admiração, por parte dos trabalhadores, o atrazo mental a que as classes dominantes os tem submetido, a rotina que os esmaga e impede a sua emancipação intelectual, fizeram com que grande número dêles considere a Anarquia, melhor diremos, o comunismo anarquista, como um ideal utópico, belo no fundo, e radiante na forma, mas impossível de realizar na prática. E esse mesmo atrazo essa rotineira visão da realidade — estigma daquêles párias que reconheciam a seu senhor um direito de origem divina para os explorar — leva ainda muitos dos que figuram à frente das agrupações sindicalistas, a afirmar que a condição de operário consciênte, de assalariado rebelde, não implica a obrigação de formar nas fileiras anarquistas para procurar o triunfo da ideia redentora.

Erro profundo, lamentável desvario, teoria absurda, cuja destruição pelo raciocínio lógico deve ser o primeiro objectivo dos que aspirem a fazer obra de emancipação positiva e duradoura. Um rápido golpe de vista pela história do sindicalismo, uma sumária exposição de causas e efeitos, levar-nos-ia a demonstrar o equívoco em que incorrem os que tal afirmam.

A iniqua exploração de que são vítimas os proletários, tornou intolerável a vida de miséria e de ignomínia a que a insaciável voracidade burguesa os condena, e impôz-lhes a luta como uma necessidade perentória, iniludível; reconhecendo-se individualmente fracos, na sua pobreza material, para fazer frente ao burguez — a quem a fôrça dá a posse dos meios de produção, da riqueza, da terra, e o Estado serve de sustentáculo poderoso, com as suas leis e as suas baionetas — tiveram de procurar na associação sindical o poder de que isolados, careciam.

Nascido o sindicato — agrupação de trabalhadores do mesmo officio — tendo como fim immediato a conquista de melhorias puramente económicas que fizeram mais tolerável a vida do assalariado — foi a greve, o cruzamento de braços, a arma de combate. Em principio, a greve pode ser eficaz para conseguir melhoria de situação; desorientado o capitalista, ante a severa resistência que se lhe opunha, cedeu umas migalhas ao operário, mais pela surpresa que lhe causou a sua attitude insólita, do que pelo convencimento da sua impotência para a domlnar.

Mas logo constatou que a greve passiva, no fim de contas, a quem verdadeiramente prejudicava era a própria entidade que a esgrimia como arma de combate: o operário. Sendo o salário o único meio de vida do trabalhador e contando o patrão com o capital acumulado para fazer frente às eventualidades de uma paralisação da produção, recurso de que o operário carecia em absoluto, a vitória final seria do burguez que espera que a fome faça render o trabalhador organizado. E quando o capitalista se decidiu a experimentar este método de defesa, já não bastou o simples cruzar de braços para o consequimento das precárias conquistas que tinha em vista: foi preciso recorrer à acção directa, ao *sabotage* a prejudicar o patrão na sua propriedade, à coacção para o premiar da ajuda de braços inconscientes que lhe prestavam a sua colaboração contra os rebeldes. Mas logo surgiu a lei, apoiada pelas instituições armadas, para anular os novos meios de luta proletaria. Em face deste obstáculo impôz-se a greve revolucionária, com o seu cortejo de iniquidades, dores e misérias, que debilitam e prejudicam exclusivamente o proletariado. E tudo para conseguir, não a libertação total, absoluta, a que temos direito, mas sim umas pobres reivindicacões, umas tantas migalhas mais da opipara mesa do burguez. E para isso verter o sangue dos nossos e padecer fome e ignomínia? E estão, acaso, dacôrdo, o resultado mesquinho, e os meios empregados para o conseguir? E justo que nos ergamos contra os nossos cruéis verdugos, contra os nossos clinicos exploradores, não para obter pão a troco de sangue, mas para acabar de vez com a escravidão, para conseguir ser donos de nossas vidas, da nossa vontade, do nosso trabalho, de tudo o que é de todos.

Por outro lado toda a acção ha-de ter um fim preconce-

## O TERROR BRANCO NA HUNGRIA

# A SOLIDARIEDADE DO PROLETARIADO

### UM APELO DA FEDERAÇÃO SINDICAL INTERNACIONAL

O Comité da Federação Sindical Internacional fez público o seguinte apêlo aos trabalhadores de todos os países.

«A Federação Sindical Internacional resolveu boicotar a Hungria e paralisar toda a comunicação com este país, a partir de domingo 26 de Junho de 1920.

Fará dentro em pouco um ano que os elementos que se chamam amigos da ordem se apoderaram do poder na Hungria. A partir dêsse momento, o movimento operário começou a ser vítima de uma opressão e de perseguições sem exemplo na história do movimento proletariano e que ultrapassam em muito as atrocidades do tzarismo derrubado na Rússia.

«Basta ser membro dum sindicato para se ser encarcelado e uma denúncia é o suficiente para se ser preso e pôsto num campo de concentração».

«Desde o começo de este ano que estão nos campos de concentração de Hajmisker 9.000 homens e mulheres, e nos de Csepel, Labargerszeg, Egar, Yegled e Homaróm Sandberg, respectivamente, 4.000, 2.400, 2.000, 3.000 e 2.000 homens e mulheres.

«Foram postos a ferros, ao todo, 50.000 homens e mulheres. Os cárceres das cidades estão cheios de detidos. Os prisioneiros e os internados são vítimas das mais atrozes e refinadas torturas.

«No começo do ano foram executados 5.000 operários. Milhares e milhares foram assassinados por bandos de officiais, sem forma de processo. Outros milhares morreram de fome, de má alimentação e de enfermidades de todo o género. Os destacamentos de officiais reaccionários detem o poder supremo; aquele que cair nas suas mãos está perdido; as suas vítimas são atormentadas até à morte. Os casos de desgraçados a quem arrancaram a pele vivos, ou fraturaram os braços e as pernas, ou obrigaram a comer os seus próprios excrementos e carne humana; e os homens que tem sido castrados ou se lhes amachucaram os órgãos genitais entre duas pedras, foram comprovados e certificados sob juramento, por testemunhas oculares. Maridos e pais tem sido torturados e mortos à vista da mulheres e dos filhos; mulheres casadas e solteiras, violadas à vista dos maridos e dos pais. Todos os dias homens e mulheres pertencentes à classe operária militante desapareciam para serem encontrados já cadáveres, mortos a tiro ou à chicotada, afogados, freqüentemente mutilados atrocemente».

O documento relatando as *démarches* feitas pela Federação Internacional para evitar estes horrores e a existência de documentos officiais comprovativos, termina assim:

«Camaradas operários de transportes, marinheiros, ferroviários, empregados de Correios, Telegrafos e Telefones, operários de todos os outros officios sem excepção: Respondei como um só homem ao chamamento da Federação Sindical Internacional. A partir de 20 de Junho de 1920, deixai de trabalhar para a Hungria. Oponhamos ao terror branco o boicote do proletariado.

Federação Sindical Internacional. — W. A. Appleton, presidente; L. Jouhaux, O. Mertons, vice-presidentes; Eduardo Fimmen, J. Oudegust, secretários».

## Nos nossos assinantes

### da América do Norte

Participamos aos nossos estimados assinantes dos Estados Unidos da América, que podem fazer o pagamento das suas assinaturas ao nosso camarada Manuel Moutinhos, 124 c County Street — New Bedford Mass.

bido, toda a actividade humana ha-de aspirar necessária e inevitavelmente à consecução de um ideal superior e lógico, de acôrdo com os principios que a determinam. E se isto é assim, certo, axiomático, o sindicalismo não pode manter-se na mesquinha finalidade que alguns lhe atribuem, porque tal finalidade — melhorar a situação do assalariado dentro do regimem capitalista — não pode ser um ideal lógico segundos os principios determinantes da ideia sindicalista. O sindicalismo nega ao patrão o direito de guardar para si a melhor parte do produto do trabalho; considera como uma usurpação que o capitalista participe nêsse produto, sem participar, ao mesmo tempo, no esforço empregado para o obter; logo, tem que negar-lhe também, o direito de possuir as máquinas e os instrumentos de trabalho — produto do trabalho — e, por consequente, as matérias primas, a terra, enfim, que as dá, porque se fosse privilégio duma classe, o operário não poderia produzir o que consome sem que a exploração subsistisse.

Suponhamos o operário emancipado do patrão. Immediato do seu explorador directo, isto é, suponhamos o operário de posse das matérias primas e dos instrumentos de trabalho, dono da sua produção, numa palavra. Será sempre explorado pelo Estado, que, com as suas leis, apoiadas na fôrça das suas baionetas, lhe imporá tributos, limitará a sua actividade, obrigá-lo há, a manter os que não trabalham, subjugá-lo há, em suma.

Pois suprimamos o Estado, façamos letra morta das suas leis, dissolvamos os seus exércitos e teremos chegado à Anarquia. Organizemos a produção de forma que todos trabalhem, todos gozem do bem estar comum: teremos chegado ao comunismo anarquista.

Fica, pois, claramente demonstrado, a nosso ver, que o fim, o ideal, a meta do sindicalismo, há de ser, é, forçosamente o Comunismo Anarquista.

E a este ideal superior, em lógico acôrdo com os seus principios, temos que aspirar todos, nós, operários, todos os párias, todos os explorados que se prezam de ter a consciência dos seus deveres.

M. M.

# A COMUNA

Continuamos a publicação das listas de subscrição já recebidas.

Não foi em vão o nosso apêlo. E o auxilio que de todos os lados nos vem sendo prestado, prova que todos os nossos camaradas estão concordes na necessidade de sustentar na imprensa um baluarte de defeza e propaganda das doutrinas comunistas-libertárias.

Aos camaradas que tenham em seu poder listas de subscrição já completas pedimos a fineza de as enviarem a esta administração, a fim da sua publicação se ir fazendo regularmente.

Igualmente pedimos aos camaradas que ainda não entregaram as importâncias com que subscreeveram, a fineza de o fazerem até ao fim do corrente mês, a fim de podermos regularizar as nossas contas e habilitar-nos a satisfazer compromissos tomados.

Transporte . . . . .	882\$34	Subscrição aberta entre camaradas residentes na América para a compra de uma máquina de impressão . . . . .	1.178\$06
Lista n.º 55		Transporte . . . . .	1.178\$06
Entregue por Arménio Moraes:		<i>Putucket, R. I.</i>	
Arménio Moraes . . . . .	2\$00	Bartolomeu Costa . . . . .	3\$50
António T. Carvalho . . . . .	1\$00	José Júlio . . . . .	1\$75
Silvestre A. Lima . . . . .	\$50	Francisco Andrade . . . . .	\$87
Mário de Carvalho . . . . .	\$50	Manuel M. Correia . . . . .	1\$75
José F. Pereira . . . . .	\$50	Francisco M. Castro . . . . .	\$87
Delfim M. O. R. . . . .	\$50	António da Costa . . . . .	1\$75
José da Costa . . . . .	\$50	Joaquim Costa . . . . .	1\$75
Joaquim Teixeira . . . . .	\$20	Bruno Delgado . . . . .	1\$75
João Vieira Gomes . . . . .	\$50	Manuel Jardim . . . . .	1\$75
António P. Nascimento . . . . .	\$50	Jerónimo da Cunha . . . . .	\$87
Delfim J. Rodrigues . . . . .	\$20	Eduardo Ribeiro . . . . .	\$87
Joaquim F. da Silva . . . . .	\$10	Jack Rogers . . . . .	3\$50
António Ferreira . . . . .	\$10		
João de Almeida . . . . .	\$30	<i>Ludlow</i>	
Joaquim Costa . . . . .	\$10	Eduardo Costa . . . . .	3\$50
Manuel Santos . . . . .	\$5	Manuel de Almeida . . . . .	1\$75
Anibal Castro . . . . .	\$10	Manuel A. Santos . . . . .	1\$75
José Pereira . . . . .	\$10	António Joaquim . . . . .	1\$75
Dionísio Vieira . . . . .	\$05	José Duarte Gomes . . . . .	1\$75
António O. Ferreira . . . . .	\$10	Manuel Alexandre . . . . .	1\$75
Domingos C. Qulatas . . . . .	\$20	António G. Cabral . . . . .	3\$50
António F. M. J. . . . .	\$20	José da Costa . . . . .	1\$75
José Moreira . . . . .	\$10	<i>New London</i>	
Adelino Martins . . . . .	\$20	M. S. Nunes . . . . .	40\$14
Manuel Gomes . . . . .	\$20		
Virgílio Vidal . . . . .	\$20	<i>Cambridge, Mass.</i>	
Afonso Pinto . . . . .	\$30	Manuel Francisco . . . . .	24\$50
José Francisco Júnior . . . . .	\$20	Alvaro Pluho . . . . .	3\$50
José P. S. Mala . . . . .	\$50	<i>Paulsboro</i>	
Roberto Baptista . . . . .	\$20	António Ferreira . . . . .	22\$75
A. J. M. . . . .	\$15		
Rodrigo A. G. . . . .	\$20	Total . . . . .	24010\$25
Domingos Pereira . . . . .	\$50		
João O. Pigueiredo . . . . .	\$20		
	11\$25		
A transportar . . . . .	893\$56		
(Continúa)			

## O medo à hidra... Francisco L. de Souza

Os governantes espanhois, como todos os governantes dos Estados capitalistas, andam a tomar precauções sobre precauções, para não serem incomodados pelos portadores de ideias novas, de ideias de emancipação social, em suma.

E para vermos o receio que eles tem de tais ideias, basta ler-se este telegrama, que o ministro do interior do vizinho reino, mandou às autoridades maritimas do seu país:

«Logo que V. E. receba o presente telegrama, nó deve condatar que desembarquem nos portos dessa provincia as tripulações dos navios ingleses e franceses. Quanto às tripulações dos outros navios estrangeiros, qualquer que seja a sua nacionalidade, não deve permitir que elas saltem a terra, fixando-se, muito especialmente, que esta medida tem de ser aplicada com todo o rigor aos barcos holandeses, que tanto podem ser compostas de súbditos russos como súbditos polacos; o mesmo observará, referentemente aos navios do México ou da América Latina.

Igualmente deve impedir o desembarque de passageiros russos ou polacos que viajem em quaisquer navios, inclusive os nacionais, proibindo-lhes até a comunicação com a terra.»

Se isto não é grotesco... é cómico em demasia.

Julgarão os governantes monarcoides que, com aquelas palavras, impede: a entrada do *contrabando* em Espanha? Se julgam, estão enganados. O *contrabando* passa sempre, ainda que seja... pelo buraco da fechadura. E as provas ai estão bem à vista. Olé se estão. Só as não vêem os ceguinhos. E os governantes, são mesmo cegos de todo. Sobre isto não há duas opiniões...

Faleceu este dedicado elemento da Associação de Classe dos Soldadores de Olhão, onde prestou importantes serviços à organização sindicalista algarvia, sendo também um convicto propagandista das ideias libertárias.

O seu funeral realizou-se a 17 do corrente, vindo o feretro da ilha da Armona, onde actualmente estava empregado, sendo aguardado no cais por numerosos operários que tomaram parte no funeral do desditoso camarada.

A COMUNA sente a perda de este valioso elemento operário e inclta o operariado de Olhão a propagar as ideias anarquistas com a mesmo fé e perseverança de Francisco Lopes de Souza.

## AS GRANDES EMPRESAS!

A Sociedade espanhola de Construção naval, obteve, no ano findo, um lucro líquido de 5.675.828,81 pesetas, uns quatro mil quinhentos e trinta e dois contos, na nossa moeda!

E' claro — enquanto os operários, que trabalharam estupidamente, durante o ano, para receberem uns magros vinténs, os accionistas, que nada produziram, abotoaram-se com oitenta por cento de juros! Como é que estas criaturas não-de ver com bons olhos o principio da expropriação de tudo? Elas, que passam a vida a roubar legalmente, sentem grandes calafrios, quando pensam que se aproxima a hora da Justiça...

Podera... Não sabem e não querem trabalhar...

# ARTE & ARTISTAS

## A HISTÓRIA DO SAPATEIRO

Um dos conventos pitorescos de Évora, é sem dúvida alguma o Paraíso. O aspecto externo simula o duma destas casas de Tânger, misteriosas, de altas paredes encostadas umas às outras, sustentadas a cunhas, caídas, esfoladas, sem o menor sinal de vida de relação, nem portas, nem fachadas, nem mirantes, e só com umas gaiolas de ferro ressaltando em *muscarabich* junto do tecto, a cobrir, como máscaras de esgrima, minúsculas lucernas que provavelmente dão luz para dentro daquele cárcere inquietante...

Em 1826, veio de Monte-mór para o Paraíso uma freira desterrada, diziam que por se entregar mais aos amores dos homens, do que a Deus, e o certo foi que com a reputação da beleza trazia ela uma outra de estrofinice, de tal maneira grave, que a abadesa mandou reforçar as gelósias das janelas, interdizer a grade à recém-vinda, e acatejar com ferrolhos novos todas as portas da cerca e mais serventias do mosteiro. Como a freira nova era riquíssima, e oriunda duma das melhores famílias da comarca, foi-lhe admitido um trem de cela por demasia ostentoso para a regra penitente da casa, e neste trem vinha uma áia, açafata, ou confidente, que logo começou a ser notada por suas prendas de mãos, e engenhos de compor e armar toda a sorte de altares e painéis religiosos.

Ao contrário do que se esperava, a freira nova, apenas entrava no mosteiro, pretextando doença, nunca mais abandonou a cela; comia pouco, teimava em não ver a luz do dia, de sorte que vivia às escuras, levando horas a dar gemidos que enterneciam a comunidade e pouco a pouco lhe foram criando lendas de martírio.

Vésperas de Natal, ao cair da noite, enquanto as monjas se afadigavam a engalanar a igreja, a cobrir os altares de flores e cerejinhãs, e a dispor no claustro as grandes figuras de roda do presepe, os gritos e gemidos da desterrada exprimiam, lá do fundo da cela um sofrimento escruciente, entre palavras de lástima que as mais bentas diziam passadas de intensidade mística e contrição.

A poder dos grandes rogos da criada, deixaram-lhe ir o menino do presepe, pra que sua ama o vestisse, conforme promessa feita a Nossa Senhora, — e o presepe já pronto, velas acesas, missa tocada, gente no adro, e o menino Jesus nada de vir da cela de madre Ana!

Já o caso ia parecendo desusado à comunidade, várias noções tinham chineleado nos corredores com recados da priora, quando finalmente a recusa se resolve a deixar ver o bambino, vestido e deitado por ela no bercinho doirado que havia de figurar no centro do presepe. Era o que se chama uma obra de preceito! Ele travessuras de setim com franhas de babinete, lenços de Holanda guarnecidos de rendas de Veneza, guarda-cama bordado, com entremeios e abertos da finura duma teia de aranhão, e quanto a coberta, era um antigo brocado de ouro e violeta, recamado a maliz, com toda a sorte de pássaros e arvoredos... A respeito das anáguas e mantilhas do inocente, não deixou a açafata ver o que lá ia por baixo das roupas, e pressurosa, como a senhora abadesa já começava a zangar-se da demora, ei-la depondo a preciosa camilha ao centro do presepe, entre Nossa Senhora, S. José, o rei preto ofertante e os animais do estábulo de Betlém.

\*\*\*

Abriu-se a igreja para o sacrifício da meia-noite... Ditas

as missas, abriu-se a gradaria que dava para o claustro, o povo invadiu á bruta o caminho do presepe ao tempo em que já o capelão, de capa de aspérges, véo de ombros, tomara o menino do berço, para o dar a beijar aos circunstantes. Mas caiu de joelhos, fulminado: o menino Jesus mechia os braços, e desatara a berrar como um cabrito! Foi uma balbúrdia no claustro, indescritível, de todas as bandas gritavam por milagre, as mulheres desmaiavam, enquanto outras nas planas de água benta iam banhar as regiões do corpo, mais aflitas — do que houveram prodigiosas catarreiras.

Em balde o capelão, velho sabido, mui pouco atreito a acreditar em prodígios que metessem engatadinho, em balde ele procurava furtar o coração às arremetidas beatas da gentiana: a turba crescia cada vez mais de roda do presepe, atulhando as arcadas e o jardim da quadra perto ululando, na rua, e insistindo num fanatismo furioso, em arrancar reliquias ao «Deus vivos». A nova corréa por toda a cidade, atordoa os palácios, e entrando aos paços do arcebispo, puzera em cheque a austeridade do prelado, irresoluto do escândalo, e não sabendo se transigir com o fanatismo estúpido da canalha, se com a provável indignação da classe culta, que era natural exigisse uma devassa impiedosa à moralidade das monjas do Paraíso.

Logo pela manhãzinha foi o chantre, Diogo Páim Cisneiros de Vilugas, por ordem do prelado pedir à senhora abadesa uma entrevista. A dona veio, ainda com os olhos inchados dum mau sonho, amparada à bengala, receber sua ilustríssima com todos os ties da mais cerimoniosa deferência. Falou de diversas coisas, muito de leve aludiu aos taboleiros de ovos tostados que tinha enviado na véspera ao arcebispo, e quando D. Diogo poisou no milagre, redarguiu-lhe que ainda o achava pequeno, dada a qualidade de ovelhas com que todos os dias a autoridade eclesiástica lhe estava gafando o seu rebulhão.

Varado daquele aprumo, o cônego pediu então secamente a história do milagre, e ela sem lhe atenuar as arestas, disse-a toda, concluindo que atenta a penumbra de que a criminosa se cercava, nunca pudera suspeitar do seu estado, e filiara os gritos do parto enfim nalguma dessas crises dolorosas frequentes em mulheres tolhidas de histeria. A troca do menino Jesus pelo criança fóra um rompante de escândalo, que se por um lado merecia castigo, por outro estava a pedir um exame sério às faculdades de razão da inculpada.

Quando ao efeito moral do milagre, lastimava-o com todo o pudor da sua alma; forçoso era que a comunidade sofresse a abominação que lhe continha, e soubesse resistir virtuosamente aos chascos e desdêns das línguas viperinas, que já tinham começado a apontar o mosteiro como um lugar de luxúria e danação.

— E é freira ou noviça, a criminosa?

— Freira professa, sr. chantre.

— Prefessa d'êste claustro?

— Se assim fosse, responderia por ela, como por mim. A criminosa veio de Montemor-o-Novo há quatro meses.

— Jesus, ¿ que vai dizer?!

— E' tarde pra' lh'o occultar. A autora do zombinável sacrilégio, é efectivamente a irmã de V. Senhora.

— Tio do menino Jesus, eu! nesta idade! — dizia D. Diogo, largando do Paraíso, esbaforido.

Ao cabo de grandes discussões e manejos diplomáticos, temperaram-se as coisas por maneiras de se fazer uma precissão congratulatória, da catedral para

## Ourives de prata

A subscrição em favor do camarada Pestana rendeu a quantia de 84507, encontrando-se ainda algumas listas por entregar, pedindo-se aos seus possuidores a fineza e dever de as entregar no local indicado. As contas da receita da mesma encontram-se patentes no «Sindicato Único Metalúrgico», á rua de Camões, para quem as quiser verificar.

### A COMISSÃO.

## ALBERTO TOMÁS

Este antigo ministro socialista da república francesa é, actualmente, director do Comité Internacional do Trabalho, criado na celeberrima conferência de Washington, e deputado socialista em França.

Como director do citado Comité recebe, anualmente, um ordenado de **quatro mil libras** (uns 92 contos na «nossa» moeda; e como deputado, abelha 27 mil francos (8 contos e pico). Ora uma criatura que tem um ordenado de 100 contos anuais, ¿ como é que ha-de protestar sinceramente contra a carestia da vida e contra a moral reinante na sociedade burguesa? Quem dá, é amigo — filosofará elle muito... socialisticamente. E os operários que se vão arranjando... com os paliativos que elle lhes apresenta, como a mais genuína das doutrinas *socialistas*.

Razão tiveram, Malatesta, e o grupo que o acompanha, em não o deixar falar ás massas, em Torino. O tartufo pretendia ludibriar os operários de Itália, como tem ludibriado os operários-políticos da França. Mas achou-se enganado. E' que é preciso correr os traidores, como quem corre com feras. Sôbretudo quando elles, como Alberto Tomás, são traidores consciences.

## LABORO

*Mensário Esperantista. Órgão da Federação Operária Portuguesa do Esperanto.*

Aos camaradas assinantes, comunica-se que estão á cobrança os recibos referentes aos seis primeiros números d'êste mensário.

Podem ser procurados nesta redacção todas as noites ou no Centro Comunista.

o mosteiro, e se cantaram *Te-Deums* — nunca ninguém soube dizer por gratidão de quais favores celestiais. Para evitar piores escândalos, deixou-se o menino Jesus do Paraíso entregue aos cuidados da mulher do hortelão, que todos os dias o levava á madre Ana de Vilugas, sua madrinha e generosa protectora, acostumando-se o pequeno a viver entre as saias das madres, como vergonteia da casa, e a ir medrando na persuasão de o fazerem algum dia cônego regente ou arcebispo. Infelizmente, madre Ana de Vilugas veio a morrer muito cedo, e não acatejou a sorte do pequeno; e quanto ao chantre, tinha em casa sobrinhos *mais chegados*, por quem espargir os consideráveis haveres do seu remanescente. De sorte que nascido em berço doirado, tive as homenagens do povo como os filhos dos reis, mas tanto pôde o capricho da fortuna, que vim a cair de menino Deus, em sapateiro. Não me lastimo! Foi quanto meus pais adoptivos, hortelões no convento, puderam fazer de melhor em meu favor, e por aí tenho vindo a remontar sapatos e a beber pingoletas, vendo o meu trabalho medrar, e com elle sete rapagões como umas torres, que renunciaram aos seus direitos na sagrada família, já se vê, visto saberein cá neste mundo o nome todo de seus páis...

FILHO D'ALMEIDA.

## OPINIÕES INSUSPEITAS

O povo português foi o grande ludibriado; aquêle a quem prometeram o pão branco da Justiça e a quem estão dando, das horas mais cruéis da nacional miséria, o pão negro, o pão infame dos açambarcadores da farinha, do açúcar, do azeite, do arroz, tudo quanto constituia a mesa do pobre trabalhador. Foram elles, foram os explorados da nossa ingenuidade, da nossa força e do nosso idealismo quem constituiu uma sociedade nova, na qual não pôde viver o homem honrado, senão pedindo esmola, onde não pôde viver a mulher honesta senão deixando de o ser á porta de ministros, de governadores, de toda a cainçalha política que se alastrou como a lepra e se espargelou como a miséria. E essa miséria é tal e tanta que o Hospital da Misericórdia do Pôrto tem 660 requerentes, suplicando uma cama e que vão vivendo, por aí, na fébre dos estrumes: e essa miséria é tal e tanta que os hospícios de vellos e velhas e viúvas vão sustentando — sustentando! — trezentos desgraçados com uma dotação diária de 110 réis! E no entanto, rodam os automóveis dos principes da república, principes porque adiantaram mais os dentes á hora do regabofe; principes porque são realmente os primeiros na desvergonha na insolência, nas artes e obras de rapina, até ao dia em que o povo português, num movimento de honra e de brio histórico, tome conta dos seus destinos...

Já não há programas, nem promessas, nem dizeres formais, nem praxes da política. Assegura-se, garante-se a ordem. Nem de mais carecem os ventres fartos e os espoliadores felizes. O que se quer, depois do saque, é a ordem, é a mancha do lugar da honraria, do juro.

O povo fica com o pão negro das varreduras dos armazens; os principes estiram-se nos seus automóveis, organizam, todos os dias, as espectaculosas sociedades e empresas bancárias, que vão preparando o final da Catastrofe, e decretam, em golpes sucessivos de audácia e de estupidez, a paralização do comércio, o encerramento das fábricas, a quaresma do trabalho nacional, para que a ordem seja perfeitamente cada-verniana. Pesa sobre o nosso país a biblia negra de Loliola; hoje, como no seu tempo, vive-mos na intolerância, na miséria social, na fome, no casernismo, na perseguição ao rebelde, e na suprema humilhação de aclamar o chicote como instrumento legal de regeneração e de sabedoria. A tanto a tal profundidade, a tal ignomínia não chegou jámais o pensamento português, mesmo nas horas do seu maior pavor histórico.

Podíamos supor, no fundo dos carceres, que não tornasse a nascer para os desgraçados uma aurora bendita; podíamos supor, nas garras do estrangeiro, que se demorasse o momento da expulsão e o grito da revolta; mas a que jámais passou pela mente do povo português, d'êste de e graça do que está protegido pela ordem da metralha, é que a história do seu país podesse vir a ser uma reedição da «Severa» do sr. Júlio Dantas, para entreter os ócios das hienas, que asso-biam ao redor dos quartéis.

### SPADA.

(Do Jornal de Notícias).

### LEDE

## A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Porta-voz da organização operária portuguesa

# NOTAS DUM PERDIDO

XII

Pelos tribunais ingleses fomos dado conhecer, há cerca de dois meses, mais um dos tantos repugnantes crimes que, á sombra da guerra, os governantes, plutocratas, financeiros e seus acólitos, premeditaram e mandaram executar. A história dos ingleses, em relação aos outros povos, era já uma larga história de piratarias e de usurpações; mas a página que agora se lhe juntou, e que acaba de se nos revelar, excede tudo quanto há de mais intencionalmente criminoso, equo e emaginar-se pôde.

Quando os aliados, sujeitos aos ingleses, induziram os rumenos a entrar na guerra, não foi com a intenção de que estes os ajudassem a derrotar militarmente o inimigo, mas, sobretudo, para lhe poderem destruir todos os seus ricos poços e jazigos petrolíferos, sob o falso pretexto de que essa riqueza pública podia vir a cair nas mãos dos austriacos ou dos alemães. Isto foi clinicamente revelado pelo coronel John Norton Griffiths, membro da missão especial que, para êsse fim, o governo inglês, envia a Rumânia. Pelo seu hediondo trabalho, diz orgulhosamente, foi pelo povo alemão de *Diabo da Destruição*, pois jámais abandonava qualquer dos seus crimes sem que julgasse a obra visada sem esperança do possível reconstrução. As instruções, eram: destruir a todo o custo; e o engenheiro Mircea, julgou o trabalho do coronel o mais complexo possível, partindo tudo, largando fogo a tudo tam bem se saindo da sua nefanda obra, que o governo inglês o condecorou e recompensou largamente.

Os rumenos aliados, em vão reclamaram e apelaram para os tribunais ingleses, para que lhes garantissem uma indemnização de 1.255.513 libras, valor do prejuizo causado.

Mas, ¿ que interesses tinham os ingleses em destruir os poços e jazigos petrolíferos, tamanha riqueza pública dum país amigo e aliado?

Quem não estiver de todo embotado e tiver seguido, mais ou menos atento, a descrição dos acontecimentos que nestes últimos anos se têm desenvolvido nas mais afastadas regiões da terra, não lhes será difícil descortinar que todos elles se ligam e se encadeiam, todos indicam ser filhos da mesma causa, agitados pela mesma mão, extranha e sinistra, que desde séculos tem conservado os povos em luta: a das ambições do sistema capitalista.

Essa mão extranha e sinistra, dá todas as indicações de que para breve prepara nova luta internacional armada, em que os povos, já famintos e estiolados, sangrarão até a última gota. E a causa dessa nova e premeditada hecatombe vai ser pela posse dos jazigos petrolíferos espoliados pelo mundo. As ambições capitalistas, financeiras, imperialistas, é para elles que estão voltadas.

Os inmensos progressos das indústrias, levaram-nos a passar da época do carvão para a época do petróleo; e quem jámais possuiu d'êste produto, no regime burguês, melhor poderá desenvolver os seus transportes marítimos e terrestres: as suas indústrias e agricultura estarão d'êle dependentes, pois que em breve a marinha mercante como a de guerra, locomotivas e camionagem, aviação e toda a mecânica, enfim, serão largamente impulsionadas por motores que consumam petróleo; e já os maiores transatlânticos, que foram construídos para se alimentarem com carvão, estão a ser modificados para consumirem petróleo, havendo nisto uma grande redução de despesa e de espaço para mais carga e mais

passageiros, pois só num deles, no *Olympic*, são dispensados 300 tripulantes. Numa palavra, o futuro está com o petróleo e seus derivados, e o país que mais possuir, mais supremacia, exercerá sobre o comércio mundial.

E' claro, as pequenas nações, como Portugal que nunca chegou a gosar os benefícios da época do carbonifera bonifera, em nada peizam nesta grave questão, que os magnates da finança internacional trágicamente agitam.

Atredada temporariamente a Alemanha da concorrência comercial, a luta dirimir-se há, essencialmente, entre a Inglaterra, a França e a os E. U. da América. Na luta pela supremacia comercial ou militar, terrestre ou marítima, vencerá quem mais bases petrolíferas tiver á disposição nos considerados pontos estratégicos espalhados pelo globo. Saltitemos um pouco sobre pequenos apontamentos tomados de tempos a tempos, e vejâmos: Na Pérsia, fundou-se há pouco uma grande Companhia, a *Anglo-Persian Oil Co.*, resultante de os ingleses, durante a guerra, terem feito por arredar dali toda a influência extranha, chegando para isso a introduzir-se nos diferentes ramos de administração, emprestando 2 milhões de libras aos capitalistas persas, adestrando-lhes forças militares (êles que queriam a derrota do militarismo, os tartufos!), tudo com o fim de conservarem exclusivos direitos de exploração por 60 anos sobre os jazigos e depósito de petróleo. A aquisição e protecção do petróleo na Pérsia custara, além disso, anteriormente, aos ingleses, centos de milhões de libras e dezenas de milhares de vidas.

Na Mesopotâmia disputam-se os jazigos ainda mais sofregamente, farejando a maneira de reparti-los e o que fazer d'êles. Os ingleses, que haviam entendido a guerra até lá com o fim de se apoderarem d'êles, tem já ali, com arraisas assentes, o poderoso grupo financeiro da *Shell Co.*; a França faz exigências de iguais direitos e consegue apenas 25% da produção; os norte-americanos protestam, nenhum dos magnates desejado abandonar aquela boa e bem rica presa, onde podem amassar fortunas colossais e com que poderão acavalitar-se sobre os destinos do mundo.

A mesma *Shell Co.*, com influências sobre várias regiões petrolíferas, estenden-se até ao México fazendo arregarhar os dentes aos colegas americanos, não sendo de todo extranhas as causas das diferentes e permanentes revoluções políticas que por ali rebentam temporariamente. Nos Estados Unidos, o presidente da *Standard Oil Company*, rival da *Shell Co.*, foi, há pouco, bem claro e positivo, declarando que a única maneira de encontrar alívio para a eminente escassez de petróleo, seria «uma agressiva política estrangeira por parte do governo».

E' gem Baku? Antes da guerra, já o inglês, J. D. Henry, dizia que se o petróleo é rei, Baku é o seu trono, pois que já então nada menos de 170 diferentes Companhias se contactavam a operar na região, existindo ali, há dois meses, mais de 5 milhões de toneladas de petróleo armazenadas. De Baku, aquêle belo pósto da pequena e recente república de Azerbaïjan, sobre o Mar Cáspio, já antes da guerra se primiam, anualmente, por um tubo, 8 milhões de toneladas para Batum, outro importante porto do Mar Negro, que pertence á Geórgia, agora também jovem república. Mas estas duas pequenas repúblicas tem efervescências revolucionárias accentuadas, e vontade de se ligarem aos bochevistas; e a primeira, que é fronteira, pelo

sudeste, com a Pérsia, tem ali ameaçada a influência inglesa desde que a revolução que ali rebentou começou por «quebrar todas as relações com os aliados», pondo em risco todos os seus interesses financeiros, principalmente os do inglês, ligados aos jazigos petrolíferos no Cáucaso. Se os financeiros ingleses suportaram muitíssimo, o general Denikin contra os bolchevistas, que chegou a ter as suas ordens 394 oficiais e 7529 diferentes categorizados ingleses, além do auxílio financeiro, segundo declarações do próprio ministro Churchill, foi porque estavam esperanças em que este lhes salvaguardasse os ricos poços de petróleo de Baku e da Pérsia; e agora, a alimentação bélica da Polónia pelos aliados, para a invasão da Rússia, outro fim não teve do que entreter os bolchevistas por um lado para, por outro, procederem a *recapitulação* dos poços de Baku, objectivo que eles nem sequer conseguiram dissimular, desde que eles não podem perdoar o terem fomentado uma revolução que teve efeitos contrários, só resultando em mais vantagens económicas e militares para os Sovietes, pois que só a estes aproveitaram as reservas enormes de combustível acumuladas em Baku. Acrescentemos agora, a tudo isto, as declarações de Tchicherin, o encarregado dos negócios estrangeiros, da Rússia, ao *Petit Parisien*: «relações do mais amigável carácter estão estabelecidas entre a Rússia, os nacionalistas turcos, os persas, os mussoulmanos que habitam em volta do Mar Cáspio, os turcomans, e, de facto, com todos os povos que formam o grande pan-asiático movimento, dirigido contra a influência europeia em geral, e contra os ingleses em particular», para melhor poderemos avaliar o grau de importância por todos os financeiros ligada a questão petrolífera e deduzirmos das suas consequências funestas que para o mundo trará as ambições dos capitalistas para a posse dos jazigos petrolíferos ou seja para hegemonia no mundo.

A mão dos imperialistas e financeiros, principalmente ingleses, vê-se claramente na guerra sem tréguas à República dos Sovietes; mas não é demais arriscarmos que ela é feita mais pela ameaça da perda da sua influência na Mesopotâmia, na Pérsia e na Índia, do que por outras circunstâncias que já teriam sido esquecidas.

A Inglaterra, a França, os Estados Unidos, lutam ferozmente entre si pela hegemonia comercial, girando todas as suas ambições actuais e todas as questões em volta dos jazigos petrolíferos que garantirão essa hegemonia.

Para encerrar, devo dizer que o referido, já deve chegar

para demonstrar porque e para que os ingleses, durante a guerra, arruinaram os jazigos petrolíferos dum país, nos jornais aliados incensado como aliado e amigo. E que as Companhias que mais interferência tinham na exploração dos jazigos na Rumania, não entravam grandes capitais ingleses, e segundo um magnate inglês (declarou *Daily Mail*, 29 de Abril) a chave da falta de petróleo na Europa reside na Rumania, apesar de que um tubo, que vai de Campina a Constansa, apenas conduzia 400 toneladas por dia, deste líquido combustível, quando poderia conduzir duas mil toneladas. Juntemos agora que a situação geográfica de Constansa, é de tal ordem, que, por ficar perto da Itália e dos portos franceses do Mediterrâneo, estaria garantido o abastecimento mais ou menos rápido do continente europeu, e era isto, sobre tudo, que aos ingleses não convinha, não só pela concorrência aos jazigos por eles explorados noutras partes do mundo, mas pela inconveniência de que os seus amigos e aliados da véspera podessem ter à mão um meio tão poderoso de desenvolver a sua indústria e as suas indústrias, e virem a pôr em cheque a hegemonia inglesa.

E é a estas belezas da organização capitalista, geradora de todos os crimes, de todos os roubos e de todas as opressões, que os chamam civilização, parturiente da chamada ordem burguesa. Pois estão servidos os povos se não pensam em acabar com ela, estabelecendo sobre a terra o princípio de que tudo quanto nela existe é bem natural pertença de todos, e devem ser usufruídos os pontos ou muitos benefícios que pelo suor e pelo saber pelos homens foram trabalhados e conquistados.

GRAND-GOSSE.

NOTA — As gralhas são sempre o pesadelo de quem, já escrevendo mal, deseja fazer-se compreender. Há sempre umas que passam, e se toleram, mas há outras que, contrariando-nos, por nos falsearem ou incurrarem o pensamento, desejamos ver emendada.

Assim, na VIII Nota, deve ler-se: *Os dos governos da Entente, quando resolverem restar as relações comerciais com a Rússia, afirmaram, para ludir quem não conhece as relações governamentais, que essas relações, etc.*

E mais abaixo: *rebelar contra o cooperativismo, pondo tudo em comum, etc.*

Foi isto que eu havia escrito, e é o que faz sentido. G. G.

Como "eles, são

Os socialistas alemães nunca foram partidários da greve geral. Para eles, que tinham uma concepção da evolução dos povos diametralmente oposta ao verdadeiro critério sociológico,

**A nossa Alegoria**  
Encontra-se já á venda na nossa administração, a magnífica alegoria publicada no nosso 1.º número e impressa em separata em ótimo papel. O seu preço é de \$25 cent. cada exemplar, devendo os pedidos virem acompanhados da respectiva importância.

a greve geral era um meio violento em demasia, e, por consequência, muito prejudicial aos interesses dos trabalhadores. E, de harmonia com este raciocínio, colocavam acima de toda a lática proletária, o seu rico parlamentarismo que resolvia todas as questões que directamente diziam respeito aos deserdados, inclusive a própria transformação da sociedade.

Como eles proclamaram, na Alemanha, a sua república, eivada de preconceitos e idealismos burgueses, todos nós o sabemos. Mandaram ao diabo o parlamento e recorreram ás armas. Depois... sim, depois, seguiram na mesma estrada dos imperialistas e dos militaristas, assassinando os que os afrontavam e metendo nas prisões os chamados maldizentes.

Volvido algum tempo, os monárquicos ergueram a garupa; e, com o auxílio das suas tropas fiéis, conseguiram dar um golpe de Estado, para reaverem o poder. Em face da revolta, o governo socialista fugiu; e depois de estar bem seguro, longe do teatro das operações, pediu aos operários que não aceitassem a «infamíssima» ditadura monárquica, imperialista, nem a reacção dos militares, agressivos e traçozeiros. Mas como é que ele fez isso? Muito simplesmente — apelando para a greve geral, aquela greve geral que eles nunca aceitaram... nem com marmelada à mistura, e que agora tão bons resultados lhes deu.

O título documental, traduzimos a proclamação do governo socialista: «Trabalhadores!; Camaradas do partido! O pronunciamento militar é um facto! Os lansquenets do Báltico, que recebiam a sua dissolução, fizeram uma tentativa para derribar a República e instaurar um governo ditatorial. Lutwitz e Kapp é que estão á frente d'esse pronunciamento. Trabalhadores!; Camaradas! Nós não fizemos a revolução para nos submettermos, hoje, ao sangrento regime que nos pretendem impôr os lansquenets. Nós não pactuaremos com o atentado do Báltico. Trabalhadores!; Camaradas! O esforço dum ano seria completamente aniquilado. As vos-

depois de publicado o decreto... Também temos visto a Convenção francesa, a Convenção toda poderosa, a Terrível Convenção, como dizem seus admiradores, decretar a divisão geral de todas as terras comunais arrancadas á aristocracia. Como muitos, este decreto foi letra morta, porque para o pôr em execução os proprietários do campo teriam que fazer uma nova revolução e as revoluções não se fazem publicando decretos. Assim para que a posse da riqueza pelo povo chegue a ser um facto real, é necessário que o povo possa obrar livremente que se enuncie do espírito de servidão a que está tão habituado, que opere em virtude da própria iniciativa, avançando sempre sem esperar por ninguém. Não só, pois, rechaça este a ditadura ainda a melhor inspirada, senão também que é incapaz de ajudar á revolução no mais pequeno detalhe.

Ma, se um governo, ainda que seja ideal e revolucionário, não dá nenhuma força nem oferece vantagem alguma para

LINDOS QUADROS

A população trabalhadora de Viena, capital da Austria, costuma ceiar ás 20 horas e deitar-se em seguida. Se lhe apetece ir ao café teria de gastar, pelo menos, cinco coroas; e ao music-hall, cem e oitenta coroas!

As 21 horas, toda essa gente dorme, para esquecer a fome e as misérias do dia. O que ganha, não chega para uma parca alimentação. E enquanto os que se debatem no meio desta horrível situação descansam os ossos esqueléticos, os novos ricos, os nababos, vão para os cafés cantantes, onde, só pela entrada, se pagam três coroas, ou para os music-hall, cuja entrada custa um dinheirão.

Mas eles não tremem; gastam à farta. Um copo de champagne custa quatorze coroas! Uma garrafa de vinho ou champagne, de 150 a 500 coroas! E eles não se importam — ao lado da pobreza, a opulência mais irritante. Uns morrem de fome; outros rebanham do fortuna.

Lindos quadros da sociedade capitalista...

sas liberdades, que tanto custaram a conquistar, desapareciam imediatamente.

Devemos, pois, pôr em prática, os meios mais enérgicos para a resistência.

Enquanto durar a ditadura Ludendorff, não deve funcionar nem uma só oficina ou fábrica.

Eis porque é preciso paralisar o trabalho. Trabalhadores! declarai-vos em greve! Cortai as vasas à quadrilha reaccionária! Lutai, por esse meio eficaz, para conservardes a República! Suspendei todas as discussões; acabei com os ódios! Contra a ditadura de Guilherme II não podemos utilizar senão isto: A paralização de toda a produção!

Ninguém deve trabalhar! Nenhum proletário deve auxiliar a ditadura militarista!

Greve geral em toda a linha! Proletários, uni-vos! Abaixo a contra-revolução!

Os membros social-democratas do governo: — Ebert, Bauer, Noske, Schlicke, Schmidt, David, Muller.

Pelo conselho director do partido social-democrata: Otto Wels.

E aqui está como «eles» são: combatem a greve geral porque são parlamentaristas; mas quando se vêem aflitos, são os primeiros a proclamá-la... em toda a linha! Tartufo, não seria mais coerente.

Estes socialistas... Estes socialistas... Dizem-se e desdizem-se, que é uma beleza. Ponto é que as suas conveniências perigiem... Fazem-se logo naufragos... para se salvarem!

Os "civilizados,"

James Connolly foi um dos revoltosos que tomaram parte na insurreição irlandesa do ano findo, tendo sido ferido numa perna, durante os acontecimentos. A ferida, apesar de ser um tanto ou quanto grave, podia curar-se em dois ou três meses, desde que o governo inglês, assim o determinasse.

Mas Lloyd George não quis. Saltando por cima de todos os «códigos»... de humanidade, cujo cumprimento exige aos adversários, ordenou que James Connolly fosse executado. E nesta conformidade pediu aos médicos que transportassem o ferido para o local da execução com todos os cuidados necessários, afim de que a morte o não roubasse ao castigo merecido.

A 12 de Maio do ano findo foi James Connolly transferido do hospital para a cadeia de Kilmainham, numa viatura da ambulância da Cruz Vermelha. Um médico militar que o acompanhava ia-lhe ministrando diversos reagentes químicos para lhe conservar a vida, pouco se importando com os sofrimentos do prisioneiro.

Em Kilmainham tiraram-no da ambulância e levaram-no em braços até á cadeia que lhe estava destinada. As torturas que sofreu durante o trajecto e as drogas que o médico lhe ministrou, deram-lhe o aspecto dum moribundo. Sentaram-no e amarram-no á cadeira.

Em consequência da sua insensibilidade, e contrariamente ao que determinam as leis que «regulam» a execução dos condenados á morte, não lhe vendaram os olhos. O comandante do pelotão deu o sinal de fogo. Duas balas atravessaram o crânio de James Connolly; e o resto da carga atravessou-lhe, em bloco, o coração! E era de tal ordem, que as costas da cadeira voaram em estilhaços... O horror desta execução — d'este assassinato — iguala, se não as ultrapassa, as atrocidades revoltantíssimas que os «Hunos», os «Bárbaros», cometeram durante a guerra, assassinando Edith Cavell e o capitão Tryatt.

A memória de Connolly e a lembrança do seu trágico assassinato, já mais serão esquecidos dos revolucionários irlandeses. O ódio gera o ódio. Os ingleses não devem, pois, admirar-se da violência com que são atacados pelos irlandeses. Se não fossem tam bandidos, não se registariam tantas infâmias. Isso não oferece dúvidas de espécie alguma. Assim... que tenham paciência não são senão criminosos, mas grandes criminosos. Ora como todo o criminoso apresenta o seu advogado de defesa, os provocadores de guerras, como geralmente possuem muito dinheiro, também

ram mais que a sanção de actos já realizados pelo povo, que marchava então á frente de todos os governos.

Como Victor Hugo disse no pitoresco estílo, Danton impeliu Robespierre, Marat vigiou e impeliu Danton e Marat mesmo foi impellido por sua vez, por Clémoudain, á personificação dos clubs dos loucos e dos rebeldes. Como todos os governos que a precederam ou a seguiram, a Convenção só foi um enorme péso atado aos pés do povo.

Os factos que nos mostra a história são concludentes a este respeito; a impossibilidade dum governo revolucionário e a inutilidade do que por tal se tem, são tão evidentes que é impossível explicar a tenacidade com que uma escola que se denomina socialista mantém a necessidade dum governo. Porém a explicação é muito sensível. E, que os socialistas, como eles mesmos se apellidam, tem da Revolução uma ideia diversa da por nós professada. Para eles, o mesmo que para todos os radicais da classe média, a Revolução Social é um negocio do futuro, muito longe de ser realizado hoje. O que pensam na realidade, o que sentem no fundo é uma coisa muito diferente, o estabelecimento dum governo como o da Suíça e dos Estados-Unidos com o

A COMUNA

nos seguintes locais:

LISBOA

Federação da Construção Civil — Calçada do Combro, 35.

Tabacaria Barbosa — Rua do Carino, 67.

Quiosque de Alcantara — Largo de Alcantara.

Rosa & Cia — Rua do Poço dos Negros, 91-A e 93.

Tabacaria Araujo — Rua da Palma, 59.

Tabacaria Beltran — Rua da Escola Politecnica, 84.

Tabacaria Ideal — Rua dos Correios, 211.

Tabacaria Pires — Rua do Poço dos Negros, 110-112.

Tabacaria Condes — Avenida da Liberdade.

Tabacaria Saraiva — Travessa de S. Domingos, 4 e 6.

Tabacaria Vouga — Rua do Rato.

A Moldura do Castelo — Largo do Intendente, 58.

Nunes & Pinto — Rua da Bica do Sapato, 16.

Carlos Porfírio da Cruz — C. Agostinho Carvalho, 24.

Ana da Silva Galante — C. do Combro, 38-A (alfarrabista).

Quiosque de Alcantara — Júlio Joaquim Pimenta.

Tabacaria A Tentadora — António Lopes de Melo, rua Ferreira Borges, 1-A.

Sindicato Unico Mobiliário, continuo — T. da Agua da Flor, 16-1.º

PORTO

Em todos os Quiosques e Tabacarias.

SETUBAL

Barbearia Quaresma — Avenida Todi, 322.

SACAVEM

A. J. Neves — Largo da Feira, 74.

VIANA DO CASTELO

Quiosque Universal.

arranjam esses advogados. De aí a chusma de parvos e imbecis que se esfalfam a justificar a atitude de Portugal na questão do conflito europeu. Mas o que vale é que, de vez em quando, lá aparece uma opinião destoante, uma opinião que não se deixa embarrilar com as parvoíces dos patrioteiros. Os que levaram Portugal á guerra não passam, pois, de criminosos. Sacrificaram vidas e dinheiro, para no fim... ficar tudo sacrificado. Infames criaturas, que toda a cautela com elas ainda é pouca!

5 Solheim de A COMUNA

PEDRO KROPOTKINE

O GOVERNO REVOLUCIONARIO

II

Em 31 de Agosto de 1873, Paris foi indifferente ao chamamento de Blanqui. Quatro dias depois proclamava-se a queda do governo. Porém então já não foram os blanquistas os primeiros a promover o levantamento; foi o povo, a multidão, a que destronou o homem de Dezembro e proclamou aqueles cujos nomes haviam soado em seus ouvidos dois anos antes.

Quando a revolução está pronta a estalar, quando o movimento está, por assim dizer, no ambiente, quando o triunfo chegar a ser indubitável, então mil homens novos, sobre os quais as sociedades secretas não têm tido influencia alguma directa, tomam parte no movimento como aves de rapina que acodem ao campo da batalha para levarem os despojos das victimas. Esta inesperada cooperação é a que dá o golpe de misericórdia. Elegem os seus directores não de entre os conspiradores e irreconciliáveis,

senão de entre os bull-dogs, tanto mais quanto estão influidos pela ideia da necessidade dum chefe.

Os conspiradores que sustentam o prejuizo da ditadura, trabalham por tanto inconscientemente para que seus inimigos ocupem o poder. Porém se o que deixamos dito é uma verdade enquanto se refere aos revolucionários politicos, é o ainda mais para os que aspiram a uma revolução mais profunda, a Revolução Social. Promover o estabelecimento dum governo qualquer, uma autoridade forte, obdeida pelas massas, equivale a impedir e estorvar o progresso da revolução. Nada de bom pôde fazer um tal governo, enquanto que pôde causar imensos prejuizos.

De feito, a que é o que desejamos? a que entendemos por Revolução? Não é certamente uma simples troca de governantes. E' a completa posse do povo a toda a riqueza social. E' a abolição de todas as autoridades que paralisam e contem o desenvolvimento da humanidade. Porém, já por meio de decretos que se pôde realizar esta imensa revolução económica? Temos visto durante o último século o ditador revolucionário polaco, Kosciusko, decretar a abolição da escravidão pessoal; porém a escravidão existia ainda oitenta anos

depois de publicado o decreto... Também temos visto a Convenção francesa, a Convenção toda poderosa, a Terrível Convenção, como dizem seus admiradores, decretar a divisão geral de todas as terras comunais arrancadas á aristocracia. Como muitos, este decreto foi letra morta, porque para o pôr em execução os proprietários do campo teriam que fazer uma nova revolução e as revoluções não se fazem publicando decretos. Assim para que a posse da riqueza pelo povo chegue a ser um facto real, é necessário que o povo possa obrar livremente que se enuncie do espírito de servidão a que está tão habituado, que opere em virtude da própria iniciativa, avançando sempre sem esperar por ninguém. Não só, pois, rechaça este a ditadura ainda a melhor inspirada, senão também que é incapaz de ajudar á revolução no mais pequeno detalhe.

Ma, se um governo, ainda que seja ideal e revolucionário, não dá nenhuma força nem oferece vantagem alguma para

obra de destruição que proseguimos, todavia oferece menos garantias para a reorganização que tem de seguir necessariamente o movimento revolucionário. A mudança económica que tem de resultar da Revolução Social será tamanha e tão profunda, alterará de tal modo as relações baseadas hoje na propriedade e a troca, que é impossível que um ou vários indivíduos elaborem as formas sociais que se tem de produzir no futuro. Esta elaboração só pôde ser efectuada pelo trabalho das massas em geral. Para satisfazer a imensa variedade de condições e necessidades que hão de surgir no momento em que seja abolida a propriedade individual, necessita-se toda a flexibilidade do talento do país; só a autoridade externa constituiria um perigo para este trabalho orgânico que devemos realizar e, o peor, seria um motivo de discordia e luta permanente. E, por tanto, tempo de abandonar essa ilusão de governo revolucionário cuja falsidade se tem demonstrado tantas vezes na prática e que tão cara temos pago. E', já tempo de que admitamos o axioma de que nenhum governo pôde ser revolucionário. Recordê-mo-nos da Convenção, nem esquecer que as poucas medidas que tiveram carácter revolucionário não fo-

ram mais que a sanção de actos já realizados pelo povo, que marchava então á frente de todos os governos. Como Victor Hugo disse no pitoresco estílo, Danton impeliu Robespierre, Marat vigiou e impeliu Danton e Marat mesmo foi impellido por sua vez, por Clémoudain, á personificação dos clubs dos loucos e dos rebeldes. Como todos os governos que a precederam ou a seguiram, a Convenção só foi um enorme péso atado aos pés do povo.

aditamento na apropriação pelo Estado do que engenhosamente chamam serviços públicos. E' uma ponte entre o Ideal de Bismark e o dos trabalhadores que esperam elevar-se á dignidade de presidente da República Norte-americana. E' um compromisso feito de ante-mão entre as aspirações socialistas das massas e a avareza da classe média. Quizeram, sim, a expropriação completa, porém não tendo valor para a intentar, destinam-na a futuros séculos e antes de começar a luta entram em negociações com o inimigo. Para nós, que entendemos que os momentos são precisos para dar á classe capitalista um golpe mortal, que não se fará esperar o dia em que o povo ponha a mão sobre toda a riqueza social reduzindo a classe espoliadora a impotência, para nós, digo, não há dúvida possível. Nós votamos de corpo e alma á Revolução Social e como qualquer programa de governo, tenha o nome que tiver, é um obstáculo á revolução, faremos ineficazes e b-niremos todas as ambições individuais daquelles que pretendem erguer-se em legisladores do nosso destino. Basta, pois, de governos: passagem livre ao povo, passagem franca á Anarquia!